



III ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO
27 A 29 DE NOVEMBRO DE 2005
FLORIANÓPOLIS – SC

COMUNICAÇÃO INDIVIDUAL

Comunicação Ambiental como suporte à pesquisa de reprodução de corais – experiência do Projeto Coral Vivo, em Porto Seguro-BA.

Eliana C. P. T. de Albuquerque (UESC)¹; Abel Dias de Oliveira (FTC)².

Resumo:

O presente artigo analisa os resultados do trabalho de pesquisa/extensão realizado no município de Porto Seguro, Bahia, onde se desenvolve o projeto conservacionista marinho Coral Vivo, que busca recuperar as comunidades de recifes de corais brasileiros, degradados pela ação humana. Para isso, o Projeto executou ações em várias áreas, compreendendo desde testes de reprodução *in vitro* das espécies, até um programa de educação ambiental com suporte comunicacional especializado, objeto de análise deste trabalho. As atividades envolveram pesquisadores, técnicos e estudantes de várias áreas das universidades brasileiras, como Biologia Marinha, Oceanografia e Comunicação, o que configura seu caráter interdisciplinar.

Palavras-chave:

Comunicação Ambiental; Interdisciplinaridade; Jornalismo Ambiental; Ambientalismo; Educação Ambiental.

O Coral Vivo

O projeto conservacionista marinho Coral Vivo está em andamento em municípios brasileiros onde existem populações de corais ameaçadas de extinção.

¹ Eliana C.P.T. de Albuquerque (nanealbuquerque@uol.com.br) é jornalista, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, professora do curso de Rádio e TV da UESC, professora e coordenadora dos cursos de Jornalismo e Publicidade/Propaganda da FTC-Itabuna;

² Abel Dias de Oliveira (jornalismo.abel@uol.com.br) é graduando em Jornalismo pela FTC de Itabuna.

Possui bases implantadas em Porto Seguro (BA), no Arraial d'Ajuda Eco Parque; em Tamandaré (PE), no Centro de Pesquisas do Nordeste (CEPENE/IBAMA) e há ações em andamento na Praia do Forte (BA) e Abrolhos (BA), juntamente com o Projeto TAMAR.

Iniciou-se em dezembro de 2003, através do apoio destinado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (MMA/FNMA) ao Instituto Recifes Costeiros (IRCOS), e visa aplicar estudos sobre a recuperação de recifes de corais desenvolvidos na última década por pesquisadores do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco. Estas pesquisas geraram a base de conhecimento sobre a qual o atual projeto foi elaborado.

Trata-se de proposta de geração de *know-how* e estabelecimento de práticas de recuperação das populações de corais de recifes degradados, para o que estão sendo realizadas experiências diversas, inclusive com a reprodução *in vitro*. Além disso, realizaram-se ações de educação ambiental destinadas ao público leigo, de modo a criar uma consciência social sobre a situação atual, a importância dessas espécies para a vida do planeta e a necessidade de ações (individuais e coletivas) para a recuperação e conservação dos recifes brasileiros.

A princípio, as ações de educação ambiental foram desenvolvidas exclusivamente em Arraial d'Ajuda, no município de Porto Seguro (BA), onde está sediada a base principal do Projeto por ser local de grande diversidade, onde se encontram recifes de corais ainda preservados e onde há um fluxo contínuo e intenso de turistas, o que pode acelerar a destruição dos recifes.

Pretendeu-se, a partir da experiência em Arraial d'Ajuda, ampliar a ação educativa do Projeto, atingindo outras áreas geográficas. Nesse sentido, foram feitas avaliações permanentes sobre as estratégias utilizadas, eficácia das ações e repercussão conseguida, sempre sob a ótica educativa e comunicacional. A partir destas avaliações foram traçadas as metas.

Constatou-se que, para obter sucesso, o Projeto deveria estar presente no dia a dia das populações locais e de turistas que visitam os locais, sem o que as pesquisas de reprodução dos corais e recuperação dos recifes podem ser comprometidas. Neste sentido, foram elaboradas as estratégias educativas, destinadas a três públicos distintos: adultos que direta ou indiretamente utilizam e dependem dos recifes (pescadores,

empresários do turismo, guias turísticos, barqueiros e outros); estudantes de primeiro e segundo graus; turistas.

Estas ações, iniciadas em março de 2005 e concluídas em julho do mesmo ano, foram coordenadas e executadas por pesquisadores da área de comunicação/educação ambiental e estudantes de Comunicação da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna (BA) e Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), que atuaram como voluntários, e compreenderam quatro etapas: identificação do público alvo e das linguagens adequadas a este; planejamento das ações direcionadas a este público; execução de cada ação; avaliação dos resultados.

Entendendo que a vertente educação-comunicação ambiental tornou-se fundamental para gerar a consciência social capaz de ajudar a recuperar os recifes e respaldar o trabalho de biólogos e técnicos que atuam na pesquisa de reprodução, este artigo busca analisar o que foi feito até então naquela área. Para isso, utiliza aportes de autores diversos sobre a educação ambiental, a interface comunicação-educação ambiental, a comunicação e seus fenômenos e os processos de mobilização social, procurando ressaltar a importância dos diálogos entre a comunicação e a educação, entre emissor, receptor, contexto e mensagem.

Baseia-se ainda nos resultados das pesquisas realizadas pela equipe de Educação Ambiental do Projeto Coral Vivo e as observações dos estudantes de graduação em Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna (BA) e em Rádio/TV da Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), colaboradores voluntários do Projeto e que vem convivendo diretamente com o público alvo.

Ainda na perspectiva dialógica, busca-se identificar a importância da mobilização social em torno do Projeto, sem a qual as iniciativas no sentido de realizar programas de informação e educação ambiental tornam-se ainda mais difíceis e, muitas vezes, inócuas.

A pesquisa

O primeiro desafio colocado para a realização de um trabalho em Educação Ambiental (EA) na localidade de Arraial d'Ajuda, distrito do município de Porto Seguro (BA), e para onde se deslocam semanalmente milhares de turistas durante todo o ano, foi identificar quem é a população local, sua cultura, história, dinâmica e quais as peculiaridades que a fazem única.

Para dar feição à proposta de trabalho comunicacional que serve como suporte ao trabalho educativo, foi observado as afirmações de Bordenave (2001), para quem “a comunicação não é um ato isolado ou uma série de atos individuais desconexos, mas um fluxo contínuo de muitas origens e direções, com conteúdos e formas em constante mutação” e de Miége (2000), quando afirma que “um grupo social negocia sua recepção a partir de sua cultura própria, com o que ela tem de memória social específica, de conhecimentos armazenados, de grandes expectativas, de recursos simbólicos”.

Ou seja, para que o processo de comunicação se realize, é necessário que se atente para a adequação correta dos conteúdos e formas, de maneira a permitir uma adequada identificação entre receptor, emissor, meio e mensagem, linguagem e cultura, estabelecendo e destacando as afinidades entre eles.

Visto isso, procurou-se então identificar o que esta população pensa e sente, o que recebe como informação, qual o seu repertório cultural e o que compreende como importante para sua sobrevivência para, a partir daí, traçarem-se estratégias e metas, que passaram a ser executadas.

Para responder a essas questões, foi realizada uma primeira pesquisa de campo quando, através de questionários semi-estruturados, foram entrevistadas 100 pessoas, sendo 25% destas estudantes de primeiro e segundo graus; 25% empresários e comerciantes ligados ao *trade* turístico; 25% pescadores e barqueiros e 25% turistas.

Constatou-se que os moradores (barqueiros, pescadores e estudantes) têm horários convencionais, acordando cedo, trabalhando/estudando durante o dia, dormindo cerca de 8 horas por noite. Já os profissionais envolvidos com o turismo (pousadeiros, comerciantes, garçons, balconistas e outros), trabalham e vivem em horário invertido: dormem durante a manhã/tarde e trabalham geralmente a partir das 12 horas, encerrando as atividades somente durante a madrugada.

Essa constatação levou à primeira categorização: os que vivem o dia e outros, que vivem à noite. Significa dizer que há sempre a necessidade de duas ações (uma diurna, outra noturna) caso se queiram atingir o conjunto através do contato direto.

Em virtude dos horários de trabalho, 56% das pessoas disseram não acompanhar a programação televisiva, restringindo sua informação às rádios (36%) e jornais (20%), sendo estes geralmente locais (18%). Dessa forma, observa-se que a informação midiática é geralmente restrita e localizada, o que remeteu para a necessidade de avaliar

o conteúdo das informações veiculadas através dos meios locais (rádios e jornais), o que foi feito de modo aprofundado posteriormente, em pesquisa complementar que não cabe ser colocada neste trabalho. Mas foram observados alguns breves aspectos do processo emissor-receptivo, comentados no intuito de analisar o que é veiculado como informação pelos meios mais acessíveis àquela população.

Ainda sobre o perfil dos moradores, constatou-se que todos (75% do universo pesquisado, já que os outros 25% são turistas) têm preocupação com o meio ambiente, visto por eles como “o ambiente em que se vive” (34%); “a natureza” (26%); “o planeta” (15%), o que denota uma visão global sobre o tema.

Questionados sobre quais os problemas ambientais existentes no local, mantém-se a lógica com 63% acusando os problemas oriundos da falta de saneamento básico e limpeza pública como mais grave para o meio ambiente local, seguidos da poluição do mar/praias (5%) e da derrubada de matas (2%).

Vale ressaltar que Porto Seguro está situado na região sul da Bahia, onde estão implantados projetos de celulose, que vêm substituindo a floresta nativa por florestas de eucalipto. As consequências dessas ações têm sido objeto de inúmeros estudos ambientais, merecendo críticas de vários setores. Ainda assim, a população demonstra não estar preocupada com o assunto, aparentando desconhecimento sobre os problemas ambientais que estas ações empresariais podem causar.

Observou-se ainda que, ao acusar problemas de saneamento básico (falta de esgotos, tratamento adequado da água, coleta de lixo, entre outros) como sendo os principais, os moradores denotaram também que são capazes de ver apenas o que está visível, exposto, o que os atinge mais diretamente no que compreendem como qualidade de vida, ou seja, o local onde vivem no dia a dia. Notou-se certa contradição entre o conceito planetário, formulado anteriormente por eles próprios para o que seja meio ambiente (a natureza global, o planeta em que vivemos), e o conceito prático, oriundo da realidade de vida e adotado no dia a dia, a partir das contradições sociais: falta de coleta de lixo, esgoto sem canalização, falta de água tratada, ruas sem calçamento, entre outros.

Já entre os turistas (25% do total pesquisado), as observações sobre o local permaneceram na superficialidade e na generalidade, características do tipo de turismo que é feito ali, onde a curiosidade histórica (sobre o local onde o Brasil nasceu), o lazer

e o divertimento superam a preocupação com o meio ambiente. Assim é que 18% dos turistas entrevistados disseram que o problema ambiental local mais grave é a “poluição da natureza”, sem, contudo, especificar a qual aspecto da natureza se refere: se aos mares, rios e matas, animais, seres humanos, patrimônio cultural ou outro. Outros 5% consideram que o mais grave problema ambiental é a extinção das tribos indígenas e 2% apontam a derrubada das matas, que estão dando lugar às florestas de eucalipto.

Sobre o aspecto cultural, pode ser apurado que a maioria dos moradores (68%), por serem oriundos de outras regiões do país e morando no local há menos de vinte anos, pouco sabe da cultura e hábitos nativos. Considera que a cultura local é recente (34%), está calcada no cultivo da vida simples e em contato com a natureza (32%) e nos eventos voltados para o turismo (2%). Os demais 7% afirmam que a cultura local, tipicamente caiçara (ou “caipira do litoral”, como se definem) foi superada pelos novos hábitos, resultado do crescimento turístico apresentado nas últimas duas décadas.

Este fato pode ser comprovado através do depoimento de um dos poucos moradores nativos encontrados, que contou ser o único, entre irmãos, sobrinhos e parentes que permanece no local. Os demais “venderam suas poucas coisas para os estrangeiros e foram para outras bandas”. Afirmou ainda que não lembra mais do “tempo em que faziam novenas para Nossa Senhora d’Ajuda, quando as pessoas iam de casa em casa só para comer, beber e brincar (...)”.

Notou-se, neste caso, que o turismo acelerado causou rupturas significativas no *modus vivendi* do Arraial, contribuindo para apagar registros culturais importantes no imaginário popular local.

Sobre o objeto do Projeto Coral Vivo, ou seja, os recifes de corais, 98% dos entrevistados não sabiam o que é um coral, 23% conheciam os recifes, mas não sabiam que estes são formados por corais, outros animais e materiais orgânicos diversos; 100% desconheciam que o coral é um animal e que se reproduz sexuada e assexuadamente e apenas 12% já ouviu falar no Projeto. Entre estes, todos são estudantes que participaram de palestras ministradas pelos técnicos do Coral Vivo nas escolas ou turistas que visitaram o Eco Parque, onde estão instalados os laboratórios da pesquisa. Em contrapartida, 99% do total têm interesse em saber mais a respeito e a participar do Projeto.

Quanto à forma de participação, 66% se dispunham a contribuir nas atividades destinadas ao esclarecimento público, colocando-se à disposição para realização de atividades de campo; 20% poderiam contribuir financeiramente adquirindo brindes e outros materiais de divulgação e 13% não sabiam como podem colaborar. Apenas 1% disse não ter interesse ou disponibilidade para participar.

Questionados sobre qual o modo mais eficaz para o Projeto emitir informações de forma a alcançá-los, 87% optou pelo contato pessoal através de conversas, palestras, seminários e cursos e apenas 12% escolheram os recursos midiáticos como programas e anúncios na TV, rádio ou matérias em jornais e revistas.

Notou-se a importância que é atribuída ao contato pessoal, aliás, marca de todo o processo comunicacional que pode ser observado no local. As notícias/informações circulam com velocidade através da oralidade direta, de uns para os outros, sem passar pelo processo convencional da mediação (emissor-meio-mensagem-receptor), o que pode ser considerado uma característica de populações mais isoladas dos grandes centros (Albuquerque, 2004). O curioso é que a população de Arraial d'Ajuda não deveria se enquadrar neste perfil, uma vez que está passível de receber um amplo volume de informações, vindo de todos os lados, especialmente através dos turistas.

Sobre isso, cabe levantar a hipótese de que estas informações não são socializadas para a maioria, que permanece ensimesmada no seu mundo local, interagindo com o fluxo turístico apenas para realizar negócios e garantir a sobrevivência. A hipótese deverá ser confirmada ou não em outros momentos do trabalho de pesquisa.

Educação Ambiental e Comunicação

Conforme Loureiro, Albuquerque e Barreto (2005), a Educação Ambiental pode ser descrita como uma estrutura complexa, constituída por sujeitos ecológicos com visões distintas de natureza e sociedade, com interesses e interpretações em permanente conflito e diálogo, de onde resulta um conjunto de práticas que nem sempre são capazes de educar com vistas à conservação e recuperação ambiental.

Para Loureiro (2004), uma efetiva Educação Ambiental precisa ser construída

a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania plena, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua

complexidade e da vida em sua totalidade. Diálogo entendido em sentido original de troca e reciprocidade, oriundo do prefixo grego *dia*, tornando-se a base da educação. Numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo, transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário (LOUREIRO, opcit: 23-4).

Assim, a EA é entendida não como processo unidirecional (de uns para outros) ou exclusivamente pessoal (sem o outro), mas sim como um processo dialógico, que ocorre quando são estabelecidos meios de superação das formas de dominação, expropriação, coisificação, opressão e exclusão, tanto em relação a nossos grupos sociais quanto em relação aos demais seres vivos e à natureza enquanto totalidade (Duarte, 2002).

Educar, portanto, é

transformar pela teoria em confronto com a prática e vice-versa, com consciência adquirida na relação entre o eu e o outro, nós (em sociedade) e o mundo. É desvelar a realidade e trabalhar com os sujeitos concretos, situados espacial e historicamente. É, portanto, exercer a autonomia para uma vida plena, modificando-nos individualmente pela ação conjunta que nos conduz às transformações estruturais. Logo, a categoria educar não se esgota em processos individuais e transpessoais. Engloba sim tais esferas, mas vincula-as às práticas coletivas, cotidianas e comunitárias que nos dão sentido de pertencimento à sociedade (LOUREIRO, ALBUQUERQUE E BARRETO, 2005:10).

Dessa forma, para pensar a educação ambiental é necessário reconhecer o ser humano como uma espécie integrante da natureza, possuidora de especificidades próprias que a distingue das demais. É necessário ainda entender que essas especificidades estão relacionadas à “forma de representação e definição de valores decorrentes do modo como a sociedade produz, se organiza, e de como interagimos no ambiente” (Duarte, 2002:26), à cultura.

A falta desse entendimento faz com que alguns dos programas que se pretendem inseridos no contexto educativo ambiental lidem com aqueles a serem educados como se estes fossem seres ociosos de idéias, incapazes de articular conhecimentos anteriores, um receptáculo de informações de outros (Albuquerque, 2004). Ou ainda como se a consciência fosse algo passivo, imóvel, estático, uma “seção dentro dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá enchendo

de realidade” (Freire, 1987).

Partindo desses pressupostos, questiona-se como deve atuar um comunicador social cuja tarefa neste caso específico é produzir materiais para serem utilizados em processo educativo-ambiental destinado a uma população que possui pouca ou nenhuma informação sobre o objeto desse processo (no caso específico, os corais e recifes de corais).

Falando sobre o jornalismo ambiental, Caldas (2002) diz que “sua linguagem, embora dirigida ao leigo, deve ser acompanhada de um rigor científico na precisão da informação” e que a decodificação dos jargões técnicos a partir do ponto de vista do público alvo é essencial para a elaboração adequada da informação. Para a autora, o conhecimento científico deve transformar-se em senso comum, em auto-conhecimento. Ou, conforme Sousa Santos (1987), em “conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos nossas ações e damos sentido à nossa vida [...]”.

Analisando estes conceitos, nota-se que o jornalista-comunicador ambiental deve ser dotado de dupla capacidade: a de compreender e elaborar cientificamente os fatos e a de recodificá-los, tornando-os acessíveis ao público, através do uso de linguagens adequadas ao entendimento coletivo. Isto amplia a responsabilidade do profissional, que se torna, desta forma, o elo entre a ciência (e os cientistas) e a população. Tarefa difícil se for observadas outras nuances, nem sempre harmoniosas, da relação cientistas-jornalistas o que não é objeto desse estudo.

Para averiguar como vem se dando esta interface comunicação-educação ambiental, Ramos (1995) defende ser importante “investigar de que forma vem se dando a participação da comunicação de massas no processo de discussão dos problemas ambientais com o objetivo de fornecer subsídios para a complementação de programas de educação ambiental”. Segundo ele, a possibilidade de conscientização para uma melhoria da qualidade de vida, está diretamente ligada à eficiência dos meios de comunicação em atingir o público pretendido.

Sobre isso, Toro (1997) é ainda mais objetivo quando afirma que “toda mobilização social requer um projeto de comunicação na sua estruturação”. Ou seja, sem a comunicação como suporte, não há como se caracterizar o processo de mobilização uma vez que não há diálogo entre os diversos atores sociais.

Neste sentido, para avaliar de que maneira a mídia vem conduzindo as informações sobre o Projeto Coral Vivo e se isso colabora efetivamente para o trabalho

de educação ambiental, tratou-se de analisar brevemente o conteúdo dos que foi veiculado a respeito do Projeto nos meios de comunicação e de que maneira isso atinge ou não o público específico do Arraial d'Ajuda.

Constatou-se que este conteúdo, especialmente o que é apresentado pelos jornais e rádios locais - mais acessíveis à população -, não faz qualquer citação sobre as questões ambientais e, em especial, sobre o Projeto Coral Vivo. As notícias veiculadas são, em linhas gerais, voltadas para a localidade, referindo-se a pessoas e fatos restritos, futilidades, mexericos e intrigas relacionadas à sociedade e à política.

Por outro lado, a televisão veiculou inúmeras reportagens sobre o Projeto, especialmente a TV Santa Cruz e TV Bahia (afiliadas da Rede Globo), a Globo nacional (Fantástico e Jornal Nacional) e a TV Escola, alcançando uma audiência relativa no local e expressiva em outros municípios regionais, como Ilhéus, Itabuna e Eunápolis.

Foi constatado que, onde as pessoas tinham alguma informação sobre o Coral Vivo, a mensagem da TV foi claramente absorvida, registrada e comentada, ou seja, teve repercussão. Em outros locais onde não havia informação prévia sobre o tema, as reportagens não geraram comentários, o que denota o pouco interesse por assuntos desconhecidos e que não fazem parte do repertório cotidiano das pessoas, bem como a baixa repercussão alcançada nestes casos.

O mesmo pode ser observado quanto ao emissor. Nas reportagens locais (TV Santa Cruz e TV Bahia) o destaque dado ao tema foi mais abrangente e aprofundado que aquele dado pelo Jornal Nacional. Pode ser percebido que os jornalistas regionais estão mais familiarizados com o assunto (geograficamente mais próximo destes) e, talvez por isso, tenham mais facilidade em abordá-lo.

No caso da reportagem veiculada pela TV Santa Cruz (BA), foi apresentado um material com cerca de dois minutos de duração, o que para o meio televisivo é um tempo expressivo; as informações foram corretamente contextualizadas, inclusive com informações técnicas colocadas de modo cientificamente correto, o que não ocorreu nos programas editados diretamente pela TV Globo do Rio de Janeiro (Jornal Nacional). Estes dois programas apresentaram matérias truncadas, com informações superficiais e incorretas, dando mais ênfase a fatos secundários e periféricos que ao próprio projeto e ao que ele tem de mais significativo que é a experiência de reprodução de corais *in vitro*, fato inédito na ciência.

Analisando estes aspectos, concluiu-se que os *mass média* pouco têm contribuído para destacar coerentemente o projeto, ignoram o processo de Educação Ambiental (EA) que está sendo construído com aquela comunidade e abrem mão de cumprir o papel de interlocutores sociais, restringindo-se a fórmulas prontas e superficiais, que pouco acrescentam ao processo educativo ambiental.

Esta postura midiática fez com que o programa de Educação Ambiental do Projeto Coral Vivo passasse a ser repensado e estruturado para atender a esta necessidade: além do trabalho de EA, passou a ser tarefa das equipes técnicas produzir materiais comunicacionais que possam servir para divulgação do projeto e, concomitantemente, de suporte para a parte de EA. Ou seja, passou-se a fazer também o conteúdo, a difusão e o registro das informações, assumindo as funções comunicacionais inerentes às emissoras.

No que se refere especificamente à EA, após a introdução dos produtos e estratégias comunicacionais, tornou-se mais fácil desenvolver outras estratégias, específicas da EA, com resultados mais eficientes e seguros no que se refere à qualidade do conhecimento absorvido pela população, o que está sendo medido constantemente através de questionários e outras formas de avaliação.

Portanto, conclui-se que a comunicação ambiental deve extrapolar os limites midiáticos, sendo utilizada como suporte para os processos de educação e de construção da cidadania planetária, entendendo esta como o sentimento de pertencimento à humanidade e a um mesmo planeta, o que adquire profundos significados quando se trata de pensar a educação ambiental e a comunicação social (Loureiro, Albuquerque e Barreto, 2005).

Conclui-se, por fim, que, para realizar um trabalho efetivo de educação ambiental, o suporte comunicacional é imprescindível, podendo vir através de veiculações nos *mass media* ou ser utilizada em formas alternativas que, a depender da população à qual se destina, apresentam-se como muito eficientes no sentido de criar a identificação e as afinidades necessárias entre emissor-receptor, meio e mensagem, sem o que a comunicação não se realiza.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Eliana C.P.T. de. *A comunicação impressa em Área de Proteção Ambiental: o caso da APA da Lagoa Encantada, Ilhéus-Bahia*, Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), PRODEMA/Universidade Estadual de Santa Cruz, 2004.

ALBUQUERQUE, Eliana C.P.T. de. *A comunicação impressa em Área de Proteção Ambiental: estudo sobre o jornal da APA da Lagoa Encantada, Ilhéus/Bahia*. In: *Comunicação & Informação*. Goiânia, v.6, n.2, p.9-114, 2003.

ARENDT, H. *A condição humana*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

ARRUDA, M. P. S. de. *Educação e Sustentabilidade: o projeto Educação Ambiental no Ensino Básico do Brasil - Muda o mundo, Raimundo!* Rio de Janeiro, Dissertação (mestrado em Educação), Programa EICOS/UFRJ, 2001.

BOTÃO, Paulo R. *Mídia Comunitária: Novas Tecnologias e a Emergência do Local* – Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação da Intercom, Salvador, 2002.

BARZOTTO, Valdir H, GHILARDI, Mª Inês. *Mídia, Educação e Leitura*. SP: Anhembi-Morumbi, 1999.

BELLONI, Mª Luiza *O que é Mídia-Educação*. SP: Autores Associados, 2001 (Polêmicas do Nosso Tempo).

BERRENSTEIN, Symona G. *Ecoturismo e Comunicação: quem não se comunica, se trumbica*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

BORDENAVE, Juan E. D. *Além dos meios e mensagens*. RJ: Vozes, 2001.

CALDAS, Graça. *Jornalistas e cientistas: uma relação de parceira*. In: <http://www.jornalismocientifico.com.br/artigosjornaambiental.htm>. Acesso em: 03 set. 2004.

DEMO, Pedro. *Política Social, educação e cidadania*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1996.

DUARTE, R. *Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (org.) *Cidadania e Meio Ambiente*. Salvador: CRA, 2003

_____. *O Movimento Ambientalista e o Pensamento Crítico: uma abordagem política*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

_____.; AZAZIEL, M; FRANCA, N. *Educação Ambiental e Gestão Participativa em Unidades de Conservação*. Rio de Janeiro: Ibase/Ibama, 2003.

_____. *Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____.; ALBUQUERQUE, Eliana C.P.T. de; BARRETO, Betânia Mª V.B. *Sustentabilidade, exclusão e transformação social: Contribuições à reflexão crítica da Educação Ambiental e da Comunicação no Brasil*. In: *Ambiente & Educação*. Porto Alegre, 2004

MELO, José M.de – *Teoria da Comunicação–paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ - *Imprensa comunitária no Brasil*. In: *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Umesp, nº 2, p.50-70, 1979

_____ - *Papel da comunicação no desenvolvimento das populações rurais*. *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*, RJ, nº 24, p. 59-64, maio/junho, 1970.

MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORIN, Edgard. *Ciência com Consciência*. RJ: Bertrand Brasil, 1996.

PERUZZO, Cecília M^a K. *Comunicação nos Movimentos Populares – A participação na Construção da Cidadania*. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 342p.

RAMOS, Luiz Fernando A. *Meio Ambiente e Meios de Comunicação*. SP: Annablume, 1995. 159p.